

PIEDADE E VIDA NA GRAÇA (I)

SÉRIE: PIEDADE E VIDA

TEXTO:
PRELETOR: Pr. Ivênio dos Santos
DATA: 01/03/2009
MENSAGEM 01 (Escola Bíblica)

Eu quero repartir com você uma das minhas mensagens que se tornaram como parte do meu DNA. Uma mensagem boa deve ser pregada no mínimo cem vezes, é quando que ela já faz parte de você. Eu vou pregar agora parte de mensagens que estão contidas em meus dois livros: *Santidade ao Seu Alcance* e *Alma Nua*.

As considerações que veremos a seguir serão norteadas por perguntas tais como: Como é possível ter alegria completa no meio da dor? Como entender Paulo dizendo (2 Co 6.10): *Entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo mas, possuindo tudo?* Como entender Habacuque dizendo (Hb 3.17,18): *Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide, o produto da oliveira mente, os campos não produzem mantimento e as ovelhas foram arrebatadas do aprisco e nos currais não há gado, todavia eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação?* Hoje eu sou alguém que tem sofrido dor, muita dor, e entendo quando Tiago diz (Tg 1.2,3): *Tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, porque a provação da vossa fé uma vez confirmada produz perseverança.* Como poder ter alegria do Senhor no meio da dor?

Então a minha pergunta é: qual é a sua motivação? Para se levantar domingo pela manhã e ir à igreja, todo domingo, o que é que o move? Você tem que refletir muito sobre isso. Nós somos conduzidos por motivações, mas qual é a sua motivação? Pode ser que muitos vão à igreja por hábito, as igrejas têm estado lotadas de pessoas que vão à busca de alguma benção, porque os programas de televisão alardeiam que, em determinado grupo, se você for lá, você vai ter uma benção especial, você vai melhorar de vida. Eu tenho hoje a sensação de que, para muitas pessoas, ser cristão é para ter uma vida melhor. Este tipo de Evangelho é o que está sendo anunciado largamente. As igrejas estão abarrotadas de pessoas em busca de um casamento melhor, de uma vida financeira melhor, de uma profissão melhor, e por isso buscam as igrejas, e mesmo buscam a Deus. Edir Macedo diz que céu tem que ser aqui, no sentido de que Deus é nosso devedor das bênçãos materiais também. Então multidões têm ocorrido e pode ser que haja alguém com esse tipo de motivação.

Todos nos lembramos daquela resposta que Jesus deu a Tomé quando lhes falou a respeito do caminho (Jo 14.4-6): *Vocês sabem para onde eu vou.* Tomé disse: *Não, não sabemos, aonde é que Tu vais?* Respondeu-lhe Jesus: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por mim.* Parece uma construção gramatical estranha, a lógica da frase deveria ser: *ninguém vai ao Pai*, mas logo lembramos que Jesus disse (Jo 10.30): *Eu e o Pai somos um.* Então, provavelmente, Ele estava se referindo à Trindade. Mas eu tenho outra sugestão: Jesus pode

estar nos dizendo que Ele não é meio para outros fins, Ele é o fim da busca. Existe um cristianismo falso que coloca Jesus como um meio para outros fins. Verifique se para você Jesus é apenas meio, mas os seus fins são outros.

Eu sempre viajei muito. Quando meus filhos eram pequenos e eu chegava de uma viagem, a minha amada estava olhando para mim, apaixonada, me esperando, mas os meus filhos estavam olhando para as minhas mãos, para ver o que eu havia trazido para eles. Para quem você está olhando? Disto depende a nossa motivação básica. O Evangelho só chegou até nós por causa de gente apaixonada. Não apaixonada pelas suas dádivas, mas apaixonada por Ele.

Conta-se uma história sobre os morávios, um povo dos mais missionários da história da igreja, que havia na Europa por volta do século XVIII ou XIX. Nesse período, havia também um homem muito rico que possuía uma ilha na qual mantinha escravos e não permitia que ninguém entrasse lá para pregar o Evangelho aos escravos. Um jovem morávio, com seus dezoito a dezenove anos, se vendeu como escravo para ir para aquela ilha. Quando seus familiares e a igreja foram se despedir dele, ele já tinha correntes nas pernas e eles sabiam que possivelmente nunca mais o veriam. Ele não estava indo para um trabalho promissor, que iria lhe dar grandes vantagens financeiras. Talvez estivesse indo para nunca mais voltar. Isso é paixão por Jesus.

Os jovens hoje decidem por uma profissão e o critério principal da maioria é qual a profissão que vai dar melhores condições financeiras, melhor status sócio-econômico. E os pais também orientam neste sentido. Quando um jovem decide ir para a África, se doar aos povos mais carentes, muitos acham que ficou doido. Um grande pregador do passado, o pastor Rubens Lopes, dizia que o mundo precisa de doidos, de loucos e Deus também. Então eu quero falar a uma comunidade de discípulos de Jesus, apaixonados por Ele, não pelas suas dádivas.

Quero agora fazer outra pergunta: Qual é a principal doutrina reformadora do século XVI, A que nos distingue do catolicismo histórico romano? Qual é a principal doutrina característica de uma igreja genuinamente evangélica? Embora o termo “evangélico” hoje em dia esteja perdido e, parafraseando alguém muito importante, eu diria que “não me envergonho do Evangelho”, mas hoje me envergonho de ser chamado evangélico. Essa nossa grande doutrina é a Salvação pela Graça, que o catolicismo histórico perdeu de vista. A trajetória do cristianismo histórico perdeu-a de vista, a igreja oficial passou a pregar que salvação era uma conquista, era Jesus no topo de uma escada e o penitente tendo que subir degrau após degrau, de melhora. Isso também é a base do espiritismo, é o homem que produz a sua salvação pelos seus esforços. Mas o Evangelho é o

quê? É Cristo vindo ao rés do chão e dizendo (Mt 11.28): *Vinde a mim todos vós que andais cansados e sobrecarregados e eu vos aliviarei*. Evangelho é, portanto, Deus se tornando acessível ao pior. Portanto, o Evangelho da Graça comunica que salvação é dádiva e nunca conquista. Se alguém está ainda tentando subir os degraus, não é por aí. Tem que vir ao rés do chão, vencido. Evangelho é isso: é Deus se tornando acessível ao pior, isso é Graça. Então, salvação é um ato de receber e não de fazer.

E a santificação, é fazer ou receber? Esse é o grande equívoco da igreja evangélica: nós pensamos que a salvação foi dada pela graça, mas que a santificação é conseguida pelos nossos “músculos espirituais”. Então fazemos votos e planos, e trabalhamos em muitas disciplinas, e fazemos ao final do ano votos de ler mais a Bíblia, de orar mais, de pregar mais, e depois de uma semana estamos derrotados.

O que eu quero repartir com os irmãos é que a santificação também é pela graça. É este o tema do meu livro *Santidade ao Seu Alcance* por que santidade não é uma conquista, é uma dádiva, é um contínuo receber. Não é um novo nascimento, embora alguns tenham pregado que a santificação é uma “experiência santificadora”. Eu prefiro achar que santificação é um contínuo receber e que todo o trabalho do Espírito Santo conosco é levar-nos à percepção de carentes, de necessitados para depender e continuar vivendo em total dependência.

Em Romanos 5.10 lemos: *Porque se nós quando éramos inimigos...* (quer dizer que todos nós nascemos inimigos por natureza a ponto de Jesus chamar-nos de filhos do diabo, ninguém nasce filho de Deus, nascemos do outro lado, nascemos rebeldes, com as armas nas mãos), e Paulo diz: *... se nós quando éramos inimigos fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida*. Então, quando nós éramos inimigos, perdidos, fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho, salvos, nascidos de novo, muito mais, estando já reconciliados, já salvos, já nascidos de novo, seremos salvos pela sua vida! Ele então está falando aqui de outra salvação!? Que salvação é essa que da qual Paulo está falando?

O Novo Testamento usa a palavra salvação com três significados diferentes:

1) Eu já fui salvo de toda penalidade do pecado pela morte substitutiva de Jesus. Eu fui transportado do reino de Satanás para o reino do Filho Amado, o escrito de dívidas que havia contra mim já foi cancelado e pregado lá na cruz, já não resta nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus. Isto aqui é um ato histórico, já aconteceu na minha vida. Se eu morrer hoje, eu vou embora com Ele porque Ele me quitou a conta. Eu já fui salvo de toda penalidade do pecado pela morte substitutiva.

2) Mas eu estou sendo salvo do domínio do pecado pela vida substitutiva e,

3) Eu serei salvo da presença do pecado pela volta gloriosa de Jesus.

Então são três estágios: eu já fui salvo, não resta mais condenação, eu estou sendo salvo e eu serei salvo. A maior parte do Novo Testamento trata desse segundo aspecto da salvação: como é que nós podemos ser salvos do domínio do pecado pela vida de Cristo em nós. Se um dia o Espírito Santo abriu os seus olhos e você enxergou a *morte* substitutiva, você precisa ter os olhos abertos para enxergar a *vida* substitutiva, caso contrário

você vai tentar subir as escadas da santidade e aí vai dizer como a maioria dos crentes: “Ninguém é santo, né?”

Com relação à santificação, agimos à semelhança de católicos sinceros, que não conseguem entender ou não ouviram o Evangelho e pensam que é impossível alguém se dizer salvo. Parece uma pretensão, uma arrogância, você dizer que é salvo, por que, na cabeça deles, só alguém que conseguiu galgar aqueles degraus pode afirmar-se salvo. E nós dizemos: “Não! É uma dádiva!” Mas nós raciocinamos nos mesmos termos no que concerne à santificação. Achamos que ninguém é santo, que santidade está fora do nosso alcance, porque também pensamos naqueles santos esquisitos da Igreja Católica. Um deles, chamado Santo Antonio, viveu 37 anos sozinho, numa região deserta, tentando vencer o pecado. Depois de 37 anos voltou ao convívio da sociedade e disse que não adiantou, porque o pecado estava na mente. Santa Terezinha tinha vermes que comiam o seu couro cabeludo. Quando um daqueles vermes caía ao chão, ela o recolocava na cabeça e o chamava de “meu anjinho”. Era o conceito medieval de que a dor purga. Então, quando nós olhamos para esses santos católicos, não somos atraídos pela santidade. E tem alguns santos evangélicos dos quais dá vontade de fugir: são tão santarrões que a gente não pode contar nenhuma piada perto deles, um horror! Eu quero ser santo igual a Jesus, por que a santidade de Jesus atraía. Atraía quem? As prostitutas, os publicanos, que se sentiam confortáveis na presença dele. É essa a santidade que eu quero, não é a santidade que repele as pessoas, é uma santidade que atrai as pessoas.

Vamos agora gastar um tempo no segundo aspecto da salvação, e nós poderemos talvez entender o que Paulo quis dizer com: *Logo, já não sou eu mais quem vive, mas é Cristo que vive a sua vida através do meu corpo* (Gálatas 2.20). Como é que eu posso deixar Jesus viver através de mim? Como nós podemos realmente viver em vitória sobre o pecado? Imediatamente eu diria que só existe um que vive vitoriosamente sobre o pecado, e que se chama Jesus de Nazaré. Mas eu posso deixá-lo viver através de mim. Para entender isso, vamos para João 15.5, parábola maravilhosa, de riquezas imensas: *Eu sou a videira e vós sois os ramos, quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer*. Usando uma linguagem moderna, Jesus poderia dizer assim: “Eu sou a central elétrica e vocês são as lâmpadas, quem permanece conectado em mim brilha, porque sem mim não tem jeito”.

Nós somos lâmpadas que nascemos no supermercado do diabo. Pegue uma lâmpada lá no supermercado, segure na mão e grite: “Brilha, lâmpada, brilha! brilha!” Não vai brilhar porque não tem energia nela. Nós nascemos assim, apagados, frágeis. Uma lâmpada serve bem de ilustração: como nós, elas são tremendamente frágeis. Mas um dia fomos comprados por um elevadíssimo preço e fomos colocados em Cristo. Mais de 60 vezes o Novo Testamento emprega a expressão “em Cristo”. Talvez o texto mais conhecido seja (2 Co 5.17): *Se alguém está em Cristo, nova criatura é, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo*.

Um dia fomos colocados em Cristo e foi acionado o interruptor, daí entendermos que interruptor é interrompedor. Vocês já não ouviram falar que para Deus não há diferença de pecado, quando há uma baita diferença? Por que a gente fala que não tem diferença? Por que o interruptor, quando você o desliga, pode desencostar um fio de cabelo que a corrente não passa. Não precisa um interruptor enorme, uma chave enorme para

desencostar um metro de distância para a corrente não passar. Basta um fio de cabelo que a corrente não passa.

Você quer saber qual é o objetivo do Sermão do Monte? O Sermão do Monte (Mt 5-7) tem por objetivo nos mostrar o fio de cabelo. Eu digo que o Sermão do Monte é um aparelho de ressonância magnética. Qual é a função de um aparelho de ressonância magnética? Curar? Não, sua função é detectar. O Sermão do Monte não é um padrão que Jesus nos trouxe para nos destruir, ele nos trouxe esse padrão para que nós nos enxerguemos e percebamos quando ficamos desconectados. O grande problema da maioria de nós é que nós vivemos no padrão de Moisés, então nos achamos fariseus modernos, ótimos: eu nunca adulterei, eu nunca matei, eu nunca roubei, eu sou ótimo. Jesus pega a lei de Moisés do nível da ação. Moisés nos disse “Não matarás”, e Ele levanta o padrão lá em cima: “*Eu porém vos digo qualquer que odiar em seu coração, já matou.*” Moisés nos disse: “*Não adulterarás*” e Jesus: “*Eu porém vos digo qualquer um que olhar com intenção impura, já adulterou*”; “*Se alguém lhe bater numa face, ofereça-lhe a outra*”; “*Amai os vossos inimigos*”. Tem um grupo dispensacionista que ensina que o Sermão do Monte é para o Milênio, tal o padrão de excelência, que não é para nós aqui, hoje. Pois então nós vamos aprender a andar numa sintonia fina.

Vamos imaginar que um amigo de muitos anos me ofenda, me uma palavra que me fere. Eu posso me segurar todo por fora, mas lá dentro de mim, eu o mato. Aí minha lâmpada faz *plim!*, apaga, e eu saio mordido. Eu vou embora e amanhã minha lâmpada ainda está apagada. Ele errou, a lâmpada dele também apagou, mas eu fico concentrado na lâmpada dele: ele não podia ter feito uma coisa desta, onde já se viu falar uma palavra daquela. Passa uma semana, alguns passam meses apagados, concentrados no outro. É o marido querendo mudar a mulher, a mulher querendo mudar o marido, até que o Espírito Santo herculeamente consegue me mostrar que eu “matei” no meu coração. “Deus, eu matei o Fernando, Senhor! Lava-me!” *Plim!*: reconecta e entra um poder em mim, entra uma força, entra a vida de Deus em mim, para perdoá-lo, mesmo que ele não tenha mudado. Jesus o ama, só Ele poderia dizer (Lc 23.34): *Pai, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem.* Eu só tenho que me reconectar. O nosso grande problema é que nós vivemos sempre concentrados no outro.

Eu quero repartir com os irmãos um texto que foi chave em minha vida para compreender isso. Espero que possa ser chave para você. Nem sempre o Espírito Santo funciona assim, mas... Marcos Capítulo 6, a partir do versículo 30. É a primeira multiplicação dos pães, um texto muito conhecido: *Os apóstolos reuniram-se com Jesus e contaram-lhe tudo o que haviam feito e ensinado. E Ele lhes disse: “Acompanhai-me a um lugar deserto e descansai um pouco, porque os que iam e vinham eram muitos, e eles não tinham tempo nem para comer. Assim eles se retiraram de barco para um lugar afastado e deserto. Todavia, muitos os viram partir e os reconheceram, e vindo de todas as cidades correram a pé para lá e chegaram antes deles. Ao desembarcar viu Jesus grande multidão e teve compaixão dela, pois eram como ovelhas que não têm pastor, e começou a ensinar-lhes muitas coisas. Como já era tarde, seus discípulos aproximaram-se dele e disseram: O lugar é deserto e já é muito tarde, manda-os embora para que possam ir aos campos e povoados em redor e comprem algo para comer. Ele porem lhes respondeu: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Então eles lhe*

perguntaram: compraremos duzentos denários de pão para lhes dar de comer? Ao que Ele lhes disse: quantos pães tendes, ide ver. Tendo-se informado eles responderam: cinco pães e dois peixes. Então lhes ordenou que fizessem que todos se assentassem em grupos sobre a relva verde. E eles se assentaram em grupos de cem e de cinqüenta. Tomando cinco pães e os dois peixes Jesus ergueu os olhos aos céus e abençoou os pães e partiu. Em seguida entregou-os os discípulos para que os servissem. E também repartiu os dois peixes para todos. E todos comeram e ficaram satisfeitos. Em seguida recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.”

O número dos que comeram os pães foi de cinco mil homens, sem contar mulher e criança. Presumivelmente estava ali uma multidão de mais de dez mil pessoas, num lugar ermo, o dia inteiro ouvindo Jesus. No final da tarde, chegam os apóstolos à presença de Jesus, com a preocupação legítima: “Despede-os, manda-os embora para que eles encontrem nas aldeias o que comer e não desfaleçam de fome”. Mas ao invés de acatar-lhes a sugestão Jesus lhes deu uma ordem perturbadora. Eu não acho que Jesus lhes falou com um sorriso no rosto, eu acho que com voz grave e firme Ele disse: “Não, não, não é necessário despedi-los, dai-lhes vós mesmo de comer”. Pare para pensar: uma multidão, num lugar ermo, Jesus fala com um grupinho de doze pessoas: “Se virem, arranjem comida para eles.” Qual é a intenção de Jesus? Será que Jesus esperava que Pedro, líder natural daquele grupo comandasse uma corrida às padarias: “Gente, vocês ouviram a ordem, vamos lá, todo mundo! Dentro de meia hora todo mundo com comida para esse povo, vamos lá!” Depois de meia hora chegariam extenuados, derrotados, cada um com um cestinho que não daria nem para o cheiro.

Nosso cristianismo se parece muito com isso. Tentativas inúteis. Houve uma época na minha vida que eu cheguei a pensar que Jesus era meio sádico. Por que é que Jesus dá ordens impossíveis? Se alguém lhe bater numa face, ofereça-lhe a outra. Se alguém odiar no coração já matou. Se alguém olhar com intenção impura... Caramba! Se nós entendermos o “dai-lhes vós de comer”, nós vamos entender o Sermão do Monte.

Jesus tinha três objetivos: o primeiro era levá-los a avaliar a sua responsabilidade, porque Jesus detectou nos seus discípulos o que eu chamaria de síndrome do avestruz. Não sei se é folclore, dizem que o avestruz quando está sendo perseguido, enterra a cabeça na areia. Que comportamento mais besta! Mas Jesus detectou nos seus discípulos essa tendência de fechar os seus olhos para os problemas, como para evadir-se deles, fugir deles, tirá-los para longe: “Manda essa multidão embora!” Jesus queria confrontá-los com o problema, porque o cristianismo não é meditação transcendental, cristianismo não é uma fuga da dor, cristianismo é confronto com a dor, cristianismo é cruz, e Jesus então os confronta.

Dizem que quando o Sr. Janio Quadros foi prefeito de São Paulo ele fez um excelente governo, mas sabem uma das razões? Por que os ricos que desciam das suas mansões, no Morumbi, ficavam tremendamente incomodados com a miséria humana na periferia às margens do rio Pinheiros, pois tinha uma favela horrorosa ali. O Sr. Janio Quadros simplesmente varreu aquela favela dali para a periferia e urbanizou as margens do rio Pinheiros e ficou tudo lindo. Agora todo mundo pode descer sem aquele incômodo, porque o afastou para longe dos olhos. Queremos afastar a dor, o sofrimento, a miséria, nós não queremos olhar, e a fé cristã nos chama a um confronto.

Qual teria sido a reação dos discípulos quando Jesus falou a eles: “Dai-lhes vós de comer?” Será que eles tiveram uma reação leviana? Eu acho que não. Mas eu sei de muita gente que tem uma reação leviana diante do Sermão do Monte: “Ah, dar a outra face, que piada! Não olhar com intenção impura? Porque que não olhar? Ah, deixa disso.” Por isso é que muita gente tem a tendência de achar que o Sermão do Monte não é para nós hoje. Eu acho que os discípulos ficaram perplexos diante da ordem: “Dai-lhe vós de comer.” E Deus tem a expectativa de que nós fiquemos perplexos. *Sedes santos, porque eu sou santo* (1 Pe 1.16). Ele não está brincando, não! Ele tem a intenção de que nós sejamos santos como ele é santo. E quando Jesus percebe os seus discípulos perplexos, ele faz uma pergunta: “Quantos pães tendes, ide ver”. Jesus espera encontrar em nós esta mesma perplexidade diante do Seu padrão de excelência. Ele espera que nós fiquemos perplexos. Quando ficamos perplexos, Ele pergunta: “Quantos pães tendes?” Eu acho que um olhou para o outro e disse: “Oh! Nem pensamos nisso!”

O segundo objetivo de Jesus era levá-los a avaliar a sua disponibilidade. Do que nós dispomos? Eles foram procurar no meio da multidão e constataram que lá havia só cinco pães e dois peixes. Quando você e eu nos convertemos, sabe o que Deus plantou dentro de nós? Fome e sede de santidade. Eu nunca me esqueço que logo naqueles primeiros tempos de convertido, eu fui ao Estádio do Pacaembu, e fazia mal para mim, me agredia, ouvir os palavrões. Porque? Porque Deus plantou dentro de nós o querer. Toda pessoa genuinamente convertida tem os cinco pães e os dois peixes. É uma marca de um convertido. Ele quer agradar a Deus, ele quer obedecer a Deus, ele quer ser santo. Mas o querer ser santo, o querer ser puro de olhos, assemelha-se a cinco pães para dez mil, ou seja, nada.

Paulo dizia o quê? *O querer fazer o bem eu tenho, mas quando eu vejo, são males que eu faço* (Rm 7.18,19). Isso, vinte anos depois de convertido! Não foi uma fase na vida dele, ele falou aquilo no presente: “O querer eu tenho!” Mas o que é que a Palavra de Deus nos afirma? *Que é Deus que opera em nós, tanto o querer como o realizar* (Fp 2.12,13). Você já tem o querer e agora, quando Jesus o vê com cinco pães e dois peixes nas mãos, frustrado, Jesus estende as mãos lá da frente e pega os cinco pães e os quebra para realizar. Você quer ser quebrado? Vão sobrar doze cestos. Ele vai quebrar e multiplicar.

Você quer saber qual é a diferença de um crente quebrantado para um crente endurecido? Um crente endurecido é aquele que quando passa por provações, por dificuldades, ele tem sempre a tendência de culpar os outros: alguém fez alguma coisa para ele. Ele fica sempre procurando os culpados fora dele, o problema está nos outros. Quer saber como é um crente quebrantado? “Sou eu, Senhor, lida comigo, Senhor. O problema não foi que ele bateu em minha cara, mas como é que eu reagi.” O que apagou a minha lâmpada não foi o tapa na cara, foi o ódio que me cortou a corrente. O crente endurecido fica concentrado no tapa na cara. O crente quebrantado lida com a reação no coração, e recebe a graça para perdoar. Jesus vive! Quando aqueles homens caem na real, de que o que eles dispunham eram apenas cinco pães e dois peixes, eles entregam o nada deles para Jesus e Jesus então quebra e multiplica, porque o objetivo final máximo de Jesus era levá-los a avaliar a sua total impossibilidade. Eu diria que todo o trabalho do Espírito Santo conosco é levar-nos a essa percepção, por isso é que Paulo dizia (2 Co 12.10): *Quando sou fraco é que sou forte*. Quando eu

penso que sou forte, eu não dependo; quando eu acho que eu sei, eu não busco; mas quando eu tenho uma visão correta a meu respeito, eu me agarro nEle, eu dependo dEle, então, a vida dEle se expressa através de mim, a fortaleza dEle se expressa através de mim. Isto é graça!

No ano passado, eu fui ao médico e ele disse que eu estava com depressão. Eu sempre achei que esse negócio de depressão era meio “frescura”. Tinha uma moça na minha igreja, a Fabíola, que esteve dois anos com depressão. Um dia subi no púlpito e falei: “Olha, o médico disse que eu estou com depressão. Fabíola, me perdoe, eu sempre achei você fresca”. Essa tal depressão é sério. É uma coisa estranha que mina as energias. Eu tomei os remedinhos e fiquei ótimo, maravilhoso. Então eu pensei: “Essa tal da depressão só pode ser química, pois se o remédio melhorou...” Aí passou o tempo, quando o remédio acabou, eu disse: “Ah, não vou tomar mais isso não.” E voltou tudo. Eu estou no meio desse troço. Então esse pregador aqui é um pregador com depressão. A igreja quis me dar uma licença, mas eu falei: “Não, não quero não. Eu quero vivenciar esse negócio porque eu quero entender esse negócio”. Então eu estou começando a entender que depressão... - é lógico que é uma pesquisa com a variedade de apenas uma pessoa - mas eu percebo que depressão tem a ver com a não expressão das emoções. Parece que você as reprime, e elas então, de alguma maneira, te atingem. Eu nunca chorei. Eu sou chorão, choro por qualquer coisa, por ouvir uma música bonita, eu choro fácil demais, mas eu nunca chorei diante da dor. Não chorei a morte do meu pai, nem da minha mãe, nem a morte do meu irmão mais velho, e nem a morte do meu filho.

Faz dois anos que o Guilherme, meu filho, morreu abruptamente. Foi instantaneamente: ele não tinha nada, nem chegaram à conclusão da causa da morte. Ele chegou do *squash* pela manhã, tomou banho, se vestiu para sair para o trabalho e caiu morto. Quando a pessoa cai, ela se protege. Nem isso ele fez, quer dizer, ele morreu instantaneamente. Eu cheguei lá, a casa cheia de gente, ele estava deitado no chão, no mesmo em lugar que caiu, a polícia já estava lá. Aí eu deitei em cima dele. Fiquei meia hora em cima dele. Eu estava pedindo a Deus a sua ressurreição, porque eu creio nisso. Elias não deitou em cima daquele menino? Eu orei lá, sem estardalhaço e eu disse: “Se o Senhor quiser, o Senhor pode.” Ele não quis, né!. Mas eu não derramei uma lágrima. Fomos ao sepultamento, e todo mundo fica esperando que você fale. Quando eu saí de casa, um médico muito amigo, me ligou e disse: “Não se esqueça que você é pai. Antes de você ser pastor você é pai”. A Déia pregou. Eu nunca vi uma pessoa sofrer tanto como a minha esposa sofreu.

Eu recebi essa notícia no centro de Nova Lima. Nós moramos num condomínio entre Nova Lima e Belo Horizonte, que é bem próximo. Eu fui à prefeitura no centro de Nova Lima e ia depois direto para Belo Horizonte, quando recebi a notícia. Fiquei passado, sem entender, e pensei: “Tenho que falar com a Déia.” Entrei em casa, eu devia estar branco, pois ela falou: “Senta aqui, conta o que é que foi”. Eu disse: “O Guilherme faleceu.” Eu nunca vi uma pessoa sofrer como eu vi minha mulher sofrer. Ela foi para fora, para o quintal grande que temos, desesperada. Eu liguei para alguém, pedi para vir ficar com ela e fui ao apartamento do Guilherme. Fomos para o sepultamento e eu não derramei uma lágrima sequer. Então, esse negócio deve estar fazendo mal por dentro. Não é que eu faça força para não chorar. Não, não, não. Em dois anos, às vezes estou dirigindo e

penso: “Não, não, não é possível, Guilherme não morreu, não pode ter morrido, ele não tinha nada. É estranho demais.”

Então, depressão é um negócio confuso. É um mal mesmo: existe, mina as energias, e aconteceu comigo. Às vezes, eu não tinha vontade para nada. Não fosse esta verdade que eu estou pregando aqui, eu não daria conta. É só pela graça. Então, se tem alguém sofrendo, sabe qual é a melhor coisa no sepultamento? Não é falar, é só a presença. Tem gente que vai ao sepultamento e acha que tem que falar alguma coisa. Eu descobri que a melhor coisa do mundo não é o que a pessoa fala, é a presença da pessoa. Não precisa falar nada, não, é só abraçar.

Tem um pastor em Belo Horizonte, que eu não gosto da teologia dele, teologia da prosperidade, eu detesto. Jorge Linhares. Não sou tão amigo dele, mas virei amigo dele, porque o Jorge estava lá. Quase não tinha relacionamento com ele, e depois ele me convidou para pregar num congresso enorme que eles dirigem lá, eu fui pregar e falei assim: “Acho que eu sou meio biruta, eu não gosto da teologia do Jorge, acho uma porcaria essa teologia que você prega, mas você me ganhou, você é um ‘pastorço’, você é pastor!” Ele se tornou meu amigo. Duas semanas atrás, fui no sepultamento de dois irmãos dele que morreram na mesma semana. Ele continua pregando aquelas porcarias, mas o Jorge é pastor.

Então tem coisas que a gente não entende e não vai entender. Mas tem uma coisa fantástica: Jesus é Deus que esteve aqui. Se ele é Deus que esteve aqui, está tudo certo. Eu não entendo um bando de coisas, mas está tudo certo e vai dar tudo certo. Às vezes minha esposa olha para mim, no meio das lágrimas, da dor e diz: “Meu bem, vai dar tudo certo.” E eu digo: “Não sei meu bem, mas já está tudo certo porque Ele continua no comando desse negócio, então está tudo certo. Deus está no controle da nossa história, então está tudo certo, mesmo que a gente não entenda está tudo certo, está meio esquisito, mas está tudo certo”. É só pela graça.

Então, quero falar de João. Eu não me sinto nem um pouco honrado, eu viajo muito e às vezes vou pregar numa igreja e geralmente os pastores apresentam assim: “Temos para pregar hoje um grande servo do Senhor”. Eu fico lá atrás rindo, pois eu não fico orgulhoso dessa apresentação, não. Eu gostaria de ser apresentado de uma maneira diferente. Eu tenho uma ambição, eu gostaria de ser apresentado assim: “Nós temos para falar hoje um colega, um amigo ‘chegado’ de Jesus”. Isso eu gostaria! “Um amigo dEle veio falar para nós!” Porque Jesus falou assim (Jo 15.15): *Eu não vos chamarei mais servos, pois servo não sabe o que faz o seu Senhor, mas tenho vos chamado amigos.* Isso eu quero, como João, eu quero ser também dos “chegadinhos”, dos de perto. Não quero ficar na rabeira não, quero ser daqueles grudados ali. E João era um desses.

Jesus tinha um contato superficial com a multidão, curou seus enfermos, multiplicou os pães. Dentre a multidão, Ele tinha um grupo seleta que ele chamava de discípulos. Dentre os discípulos, Ele escolheu doze para estarem com Ele. Dentre os doze, Ele tinha três: Pedro, Tiago e João. E dentre os três, Ele tinha João, o mais chegado. E é esse João, esse camarada “chegado”, que trouxe para nós uma mensagem de Jesus, e ele vai dizer que não recebeu de segunda mão, ele vai dizer: “Aquele com quem eu comi, aquele com quem eu andei, que eu abracei, é da parte dEle essas coisas que eu escrevo para que tenhamos alegria completa.” Então, é a mensagem da alegria completa que ele recebeu de Jesus para nós. Se você quer ter alegria completa,

meu filho, está aqui, alegria completa. Alegria no meio da morte, no meio da dor, no meio da perda de grana, de desemprego, está aqui. Eu nem vou ler o preâmbulo, está aqui, está falando: “Minha mão pegou, apalpou, eu andei com Ele”. Em 1 João 1.15, ele fala assim: *... a mensagem que dEle ouvimos, eu ouvi e vos anuncio, é esta, que Deus é luz, não há nEle treva nenhuma...* Com Deus é tudo às claras, com Deus não tem nada por debaixo do tapete, é tudo às claras, Deus é luz e não há nEle treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com Ele, e andamos nos escondendo na moita, colocando debaixo do tapete, mantendo os quartos escuros, fechados, vivemos uma farsa, vivemos uma mentira. Mas se andarmos na luz, se sairmos para fora, se abirmos nossos porões, se abirmos nossos quartos fechados, se tirarmos tudo debaixo do tapete, e sairmos para fora, manteremos comunhão, uns com os outros. Sabe por quê? Porque descobrimos que é tudo igual. É, mantemos comunhão, e comunhão se nivela é na fraqueza.

Reunião de pastor é uma chatice. Quem vai em reunião de pastor, é para mostrar medalha: “Irmãos, este ano construímos o prédio de educação religiosa; porque este ano nós batizamos não sei quantas pessoas, etc, etc..” Aí tem um pastorzinho que está mal lá e sai pior, que parece que Deus só chove nas hortas dos outros. Reunião de pastor tinha que ser assim: “Gente, está ruim, eu estou apanhando, e estou com problema com minha esposa, está difícil lá em casa, meu filho...” Mas não! A gente se esconde, a gente põe debaixo do tapete, e vem domingo pela manhã, com um sorriso clichê na cara: “Aleluia, glória ao Senhor! Tudo bem, tudo bem!” E às vezes está sangrando por dentro, mas não tem coragem de ser real. Deus só quer que a gente seja real, Ele se agrada da verdade, do íntimo, mas Ele diz mais: “Mas se andarmos na luz”, se a gente vem para fora, pára de se esconder, mantemos comunhão uns com os outros e o sangue nos purifica de todo pecado. Quer dizer que andar na luz não é não pecar, é perceber. *Se dissermos que não cometemos pecado, enganamo-nos, vivemos uma mentira e a verdade não está em nós, mas se confessarmos, se admitirmos, Ele é fiel e justo para nos perdoar* (1 Jo 1.8).

Imagine uma mãe de primeira viagem, que arruma o filho primeiro. Mãe experiente se arruma primeiro. A mãe inexperiente arruma primeiro o filho e depois diz: “Filhinho, agora não vai brincar na terra e mamãe vai se arrumar”. E o menino tem três anos de idade, é aquela bratinha! Ele está lindo naquela roupinha limpa, e ela vai se arrumar. Como geralmente acontece, demora um pouquinho, e quando ela vem prontinha para sair, o menino parece que chegou de um rali nas montanhas, todo besuntado. Aí a mãe faz cara brava para ele e ele começa a chorar: “Mãe, me perdoa, me sujei todo”. É, vai perdoar, não vai? Mas vai sair com ele daquele jeito? Não, vai colocá-lo debaixo do banho, colocar talco e tudo o que tem direito, colocar aquela roupinha limpa e vai sair bonito como um príncipe. Ele é fiel e justo para nos perdoar e purificar, dar banho, ficar igual a príncipe! Mas pode ser que a mãe diga assim: “Oh, moleque você vai ver, da próxima vez, eu te pego, hein!” Mas Deus não.

Uma das maiores verdades que eu já ouvi na minha vida, eu ouvi de um pregador inglês, mudou o curso da minha vida. Porque ele dizia assim que quantas vezes chegava a Jesus, quebrado: “Senhor, Senhor, tem paciência comigo, Senhor, pequei de novo, bestamente”. Aí Jesus dizia a ele: “De novo por que, meu filho? É a primeira vez.” Você pode crer nisso? Que todas as vezes que eu venho a Ele quebrado, Ele me perdoa

porque Ele é fiel e justo, Ele me purifica, e Ele esquece. É como se eu nunca tivesse pecado na minha vida. Dá para crer? Eu posso ser absolutamente santo agora. Um adolescente que está com sexo saindo pelos poros, pode ser absolutamente santo agora, por que Ele é fiel e justo. É tão bom, que nós não cremos. Mas é só isso? É!

Imagine um caminhoneiro que recebe a tarefa de levar uma pesada carreta com 20 toneladas de aço daqui para Belo Horizonte. Aí ele vê aquela imensa carreta carregada, ele vai para trás dela e empurra, empurra, sua por todos os poros, molha toda a roupa e não move nem um milímetro. Ufa! Senta desanimado lá e aí vem pregação em cima (Mt 25.18-30): *Mau e negligente servo, desobedecendo a ordem do Senhor*. Então ele sai ali só fingindo, pois ele sabe que não dá conta. Muitos de nós estamos fingindo ser santos, ser crentes, porque a gente sabe que não dá conta. Mas em nenhum momento se esperava que o caminhoneiro empurrasse o caminhão. O que é que se esperava de um caminhoneiro? Que entrasse na cabine, desse a partida, ar refrigerado, direção hidráulica, ouvindo Xitãozinho e Xororó, lá vai ele. Os jurássicos é que devem se lembrar do tempo do carburador, hoje é ignição eletrônica, é diferente, mas é no tempo do carburador, e de repente, *póf, póf, póf* e ele diz: “Ih, aquela gasolina batizada que eu coloquei lá estava suja!” Aí, ele, um experiente motorista, conhece muito de mecânica, encosta no acostamento e vai lá, tira o carburador, tira uma pecinha chamada giclê, aí ele vai nas coisas dele, pega uma agulha, desentope um furinho mínimo por onde passa a gasolina, assopra e põe o giclê de novo no lugar, coloca o carburador, volta à cabine, dá a partida e continua a viagem. Vocês querem saber qual é a nossa parte nesse negócio? É só aprender a tirar o cisco do giclê. Santidade é só isso! Mas sabe qual é o nosso problema? Parou o caminhão porque levei um tapa na cara. E sabe o que a maioria de nós faz? Vai lá para trás do caminhão e fica: “Esse ano vou orar mais, esse ano vou mais ler a Bíblia, esse ano estou com muita raiva do Fernando, Oh, Deus, me ajude”, e fica lá atrás do caminhão. Em todo tempo o que Deus estava esperando era que eu viesse quebrado, e dissesse: “Pai, eu matei, eu adulterei, eu cobicei com meus olhos, Pai, é verdade”. E aí, reconecta, e entra um poder, entra a vida de Deus. Então você pode viver quebrado. Você pode dizer: “Mas Pai, quantas vezes vale isso? Quantas vezes entupir!”

Eu tenho uma ilustração velha, já preguei tantas vezes essa ilustração, mas Paulo diz assim (Fp 3.1b): *A mim não me desgosta e, para vós é segurança que eu vos fale as mesmas coisas*. Então vai, mas ela é ótima. Isaías disse que nós somos como imundo¹, e as nossas justiças como trapos, eu acho que ele está pensando num leproso. Mas vamos pensar que nós somos como porco. Imagine uma porca que está para dar cria, o tamanho dela, vai dar uma ninhada boa, e quando nascem os porquinhos, você tira o primeiro dela, leva para dentro de casa, dá banho nele, põe talco, perfume, põe uma roupa branquinha, uma gravata no pescoço, vai ficar até engraçadinho. Mas será que aquele porco está satisfeito naquela roupa? Acho que não. Se você esquecer a porta aberta, para onde ele vai? Para o chiqueiro e diz: “Oh, beleza, esse é o meu lugar”. Até os meus dezenove anos eu era porco lavado. Cresci na igreja, cara de crente, roupa de crente, mas o meu coração não estava lá não. Quando a porta

se abria, lá estava eu na lama. Mas vamos imaginar se fosse possível transformar o porco em passarinho, num passe de mágica e *Plim*, eis um passarinho de asas branquinhas, vindo os campos verdes, águas limpinhas, frutos maduros, ele lembra daquele mamão e ele chama os amigos para comer aquele mamão madurinho. Mas vamos imaginar que num dia ele brincando com os amigos, num vôo rasante ele perde o equilíbrio, e se esparrama todo na lama, se suja todo. Qual será a reação dele? Será que vai dizer: “Oh, que saudades que eu estava dessa ‘laminha’?” Não, ele vai ter nojo da lama, vai logo procurar um regato cristalino e vai se banhar. Sabe qual é o problema nosso? Você que já é passarinho? Quando suja a asa, que é o mesmo que cisco no giclê, o diabo diz: “Ah, deixa para lá, todo mundo faz isso”. Deixa para lá hoje, deixa para lá amanhã, deixa para lá depois de amanhã, daqui a pouco é um passarinho encardido. Eu conheço crentes mais infelizes do que descrente, porque são passarinhos vivendo vida de porco. Pelo menos o porco está na dele. É possível andar de asas limpas, e sabe o que acontece quando a gente tira o cisco do giclê, quando a gente liga o interruptor? *Plim!*

Sabe o que é que nasce na ponta do galho? É o fruto do seu esforço? Que você fez uma força danada para amar? Não, é o fruto do espírito, que é amor, alegria, paz, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio, temperança. É fruto dEle. Há uma frase que eu amo, acho fantástica: “Não é a ovelha que vai aos pastos verdejantes para encontrar o pastor. É o pastor que conduz a ovelha aos pastos verdejantes”. Qual é a implicação disto? Não é a oração que me leva para Jesus, é Jesus que me leva para a oração. Não é a Bíblia que me leva para Jesus, é Jesus que me leva para a Bíblia. Não é o jejum que me leva para Jesus, é Jesus que me leva para o jejum. Eu só preciso estar nEle. Quantas vezes eu vou sujar a minha asa para eu poder lavar? Quantas vezes sujar! Em termos de higiene pessoal, não é mais limpo quem nunca se suja. É mais limpo quem sempre se lava. Então a pessoa diz: “Ah, se é assim, então vamos pecar”. Esse raciocínio é do porco. Não é raciocínio do passarinho. O passarinho não pensa mais assim. Ele agora tem outra natureza, e diz a Bíblia que nós agora somos co-participantes da natureza divina. Não se coaduna mais com o pecado. A única coisa que tira a minha alegria é o meu pecado. Quando Paulo diz “entristecidos, mas sempre alegres” (2 Co 6.10) é porque perder um filho é duro, entristece muito, mas se você está conectado nEle, você tem a alegria dEle, que é a nossa força para passar por qualquer coisa. É verdade isso, queridos.

Eu queria dar uma sugestão: arranje um tempo sozinho, sozinho de tudo, ou hoje ou essa semana, saia para um retiro espiritual, leve um caderno, e peça ao Espírito Santo que traga à sua memória tudo quanto é tipo de pecado, que você tem cometido e não tem dado bola, e começa a encher o caderno. “É verdade, Senhor, eu tenho entristecido o Senhor com essa atitude, é verdade Senhor, eu tenho pecado contra Ti nisso.” Isso é obra do Espírito Santo, você está confessando e admitindo e reconhecendo com o teu pesar. Depois não traga para casa aquele caderno, para de vez em quando abrir e chorar a sua miséria, não. Escreve em cima assim: o sangue de Jesus está me purificando agora, de todos esses pecados. Aí você põe fogo naquelas folhas. Vão sobrar cinzas, joga fora também as cinzas. É isso que Deus faz com os nossos pecados e deles não mais se lembra.

Todos nós já tivemos a experiência de colocar leite para ferver. Você diz, hoje não vai derramar, vou ficar de plantão. Aí

¹ “Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, trapos de imundície”. (Isaías 64.6)

demora e você diz: “Acho que vou adoçar”. Você vai procurar e a mulher mudou a vasilha de açúcar de lugar, e você não acha a vasilha, e derrama o leite e faz aquela sujeira no fogão. Sabe o que eu faço? Eu tiro imediatamente a panela, vou com uma esponja, tiro todo aquele leite, jogo fora, venho com a esponja com detergente, depois passo um pano e depois passo aquela toalha de papel e dou brilho. O fogão fica zero km. Seria um absurdo se minha esposa chegasse e eu dissesse: “Meu bem, sujou todo o fogão, você precisa ver.” Sabe que a maioria dos crentes nunca usufrui da sensação de limpeza? Não acredita que Deus é fiel e justo, que eu estou limpo, santo, tomei banho agora de manhã, escovei os dentes, passei desodorante. Imagine o cara que toma banho cinco vezes por dia, nessa terra quente, e aí sai de manhã desconfiado de que está fedido. Encontra alguém e cumprimenta meio de longe. A maioria dos crentes é assim. Não tem a sensação de que está limpo. Está santo. Eu tenho a sensação de que Deus me olha e diz. “Ok, está tudo bem entre nós dois, não tem nada no meio”. Aleluia! É verdade!

É como aquela mulher que estava cozinhando, fazendo um doce para o marido, para agradar o marido no jantar, um doce que ele ama, e ela colocou o doce para ferver e nisso ela estava fazendo outras coisas, descuidou e o leite derramou, fez aquela sujeira toda no fogão e no dia seguinte a empregada não viria, mas ela continuou cozinhando, fez o jantar, e chegou na hora do jantar todo mundo comeu, achou uma delícia e ela só pensando no fogão: “Agora vou ter que enfrentar aquele fogão.” Aí está quase terminando o jantar e recebe uma ligação. É minha irmã que está passando por um problemão, e eu vou fazer uma visita agora. Mais tarde chega em casa, onze da noite, morta, lá na visita, só pensando no fogão. Ela chega em casa e pensa assim: “Pode ser que Jesus volte hoje à noite, eu vou é deixar para os ímpios”. Aí ela levanta no outro dia e Jesus não voltou, ela tem que enfrentar o fogão. Pecado é assim. Por isso não demore não, vai fundo com ele. E não trate com o tapa que o outro lhe deu, trate com você. Você tem que aprender a lidar com você, esse é o crente quebrado: “Sou eu Senhor, não é a casa que eu moro, não é a minha esposa, não são os meus filhos, eu sou o meu problema”. Eu só posso aprender a lidar comigo.

Oh, Pai, minha alma se enche da Tua alegria, por causa desta verdade, eu posso ter absoluta certeza, de que neste momento não há nada entre nós dois, e Tu és a porção da minha herança, eu não tenho nenhum outro bem além de Ti, minha alma está plena, Pai, só o Teu Espírito Santo pode revelar, esta verdade aos meus irmãos. Oh Deus, em nome de Jesus, revela a vida de Jesus para cada um de nós, para que nós também possamos dizer como Teu filho Paulo, não sou eu mais que vivo, eu não estou mais empurrando a carreta, mas é Jesus que vive a pureza, é Jesus que vive a bondade, é Jesus que vive em mim. Dá ciência ao Teu povo, dessa simplicidade da graça, para que esta seja uma comunidade que derrama a vida do Senhor. Muito obrigado, Oh Pai, pelo privilégio de repartir. Em nome de Jesus, Amém.